

Casas Açorianas escolhem a ilha Terceira para o seu encontro anual focado na sustentabilidade e nos transportes



As Casas Açorianas é uma associação de empresários que preservam tradicionais e/ou seculares habitações em todas as nove ilhas do Açores, num contexto turístico que “espelha e transmite vivências, cultura e costumes ancestrais, tão genuínos dos Açorianos; um povo resiliente no seu espaço geográfico, numa reconhecida bravura na ocupação das suas Ilhas, no heroísmo patenteado na dedicação e serviço à Pátria, na ousadia com que enfrentaram vulcões, a bravura dos mares, tempestades e tantos outros fenómenos adversos”.

Segundo a nota enviada ao nosso jornal, as casas açorianas inserem-se “na sublime natureza do arquipélago açoriano, de uma forma tão harmoniosa que impressiona os visitantes e, cada uma delas, oferece um belo cartaz paisagístico, infatigável aos olhos dos seus visitantes. Os espaços exteriores e a sua decoração interior, na beleza da sua humilde, despertam a atenção e a curiosidade dos seus clientes, sendo um importante contributo para a projecção dos Açores como destino turístico”.

“É este paradigma que identifica as Casas Açorianas e se completa com a sua forma de bem-receber proporcionando, a quem nos visita, belas estadas em todo o arquipélago dos Açores, sendo testemunho, disso mesmo, o número de vezes que repetem, a sua primeira experiência”, lê-se no comunicado.

A mesma fonte sublinha que as Casas Açorianas “sempre marcaram presença” na Bolsa de Turismo de Portugal (BTL) e nalguns outros congéneres internacionais.

Durante a BTL, desenhou-se seu próximo encontro de associados e definiram a Ilha e o local para a sua realização. Acrescentaram alguns temas para debate, mas “alicerçados na matriz dos seus objectivos, que rumam para um turismo sustentável”.

Nestes pressupostos, “acrescidas das legítimas preocupações com as difíceis acessibilidades”, ao Grupo Central e Ocidental dos Açores e ainda por já se terem realizado encontros desta natureza, noutras ilhas, pretende-se que, no corrente ano, este evento se realize na ilha Terceira, “conhecida pela sua história e pelo seu património construído”.

Trata-se de um fórum onde são colocadas temáticas do sector do turismo, por distintos convidados e associados, na presença de um significativo número de órgãos de comunicação social (nacionais e internacionais), num balanço final de grande interesse para a promoção dos Açores no contexto turístico.

De acordo com a nota, com preocupações plausíveis e redobradas, no próximo encontro das Casas Açorianas, pretende-se trazer à colação a problemática dos transportes internos e as acessibilidades aos Açores, alicerçada nas seguintes premissas: combater a sazonalidade (convertida, genericamente, apenas em 120 dias); melhorar a qualidade da oferta; acessibilidades aéreas e ligações internas/regionais;

No que toca aos supra-referidos itens, para as Casas Açorianas, a realidade confirma que serão necessários enviar todos os esforços, no sentido de proporcionar mais turismo nalgumas Ilhas e prolongar o fluxo turístico nos Açores, para além dos pressupostos, 120 dias anuais, sob pena de não se rentabilizarem e /ou caírem na insolvência empresas dependentes da fileira do turismo.

Para as Casas Açorianas, na opinião de alguns, todo este paradigma, está dependente de uma melhor utilização do aeroporto das Lajes, na Ilha Terceira e suportam esse conceito no facto do planeamento aéreo obrigar à sua disponibilidade, com 12

ou mais meses de antecedência e assim sendo, dificilmente encontrar-se-á operadores de transportes aéreos que programem voos na dúvida se, no dia Y do mês X, o avião aterrará no local de destino.

Acresce a esta dúvida a realidade consubstanciada no enorme sobrecusto no encaminhamento para a maioria das Ilhas, bem como o desaparecimento de outras companhias que viajavam para os Açores.

Sendo o Grupo Central “um autêntico espaço arquipelágico”, composto por cinco Ilhas próximas umas das outras, e juntado a narrativa dos parágrafos anteriores, as Casas Açorianas salientam que “remete-nos para acreditar num sistema integrado de transportes, neste espaço geográfico, por forma a beneficiar os seus agentes turísticos e a economia local”.

“Com este possível modelo teríamos os transportes aéreos coordenados com os terrestres e marítimos, reconhecendo a Ilha Terceira como local de receção e distribuição do fluxo turístico no Grupo Central, valorizando o nosso espaço e acessibilidades, dando relevância ao transporte marítimo de passageiros, nas cinco Ilhas adstritas a este conjunto, enquanto descongestionava a sobrecarga da operadora SATA que, nos dias de hoje, já não responde cabalmente às solicitações”, explica a associação.

“Unidas esta cinco ilhas, pelo mar que sempre as uniu e pelos laços fraternos do seu povo, promovidas turisticamente pelas suas diferenças paisagísticas, culturais e sociais, juntando, ainda, a beleza da fauna oceânica, do chegar e partir de uma qualquer Ilha seria um encanto para a maioria dos nossos visitantes que optassem pelo transporte marítimo”, acrescenta.

Para as Casas Açorianas, não se consegue a necessária qualidade na mão-de-obra, porquanto o rendimento de escassos

3,5 meses não suportam, na maioria dos casos, 14 vencimentos e consequentemente inviabilizam o necessário profissionalismo em todas as vertentes empresariais do sector do turismo.

“Percebe-se as dificuldades inerentes à nossa insularidade, mas, urge planear novas experiências, tão necessárias ao Grupo Central partindo dos nossos recursos e do que acima se disse”, declara a associação.

Segundo as Casas Açorianas, nas acessibilidades aos Açores e para que os benefícios sejam transversais, de Santa Maria ao Corvo, opina-se de que é importante valorizar o aeroporto das Lajes da Ilha Terceira, “não só pela sua notória operacionalidade, mas também pelo facto de ter deixado de existir o encaminhamento aéreo, gratuito, para a outras ilhas dos Açores”.

A posição da Presidente da Câmara de Angra do Heroísmo, face ao exposto pelas Casas Açorianas, foi que: “Angra do Heroísmo está sempre disponível para acolher iniciativas que promovam o seu concelho de forma estruturada e colaborativa. Acreditamos numa promoção turística que valorize a autenticidade, a sustentabilidade e a identidade, como é o caso das Casas dos Açores”.

A Presidente da Câmara Municipal da Praia da Vitória, Vânia Ferreira, manifestou o apoio da Autarquia ao evento, sublinhando a importância “do turismo em espaço rural como elemento diferenciador da oferta turística no Concelho e na Ilha”.

“O nosso turismo rural, agregado nas Casas Açorianas, é um repositório e um motor da salvaguarda do nosso património e da nossa identidade, que nos confere uma especial notoriedade e diferenciação na promoção turística local”, afirmou Vânia Ferreira.